



SAÚDE MENTAL E SENTIDO PARA VIDA: PESSOAS IDOSAS E A LOGOTERAPIA

Mental Health and Meaning in Life: Older People and Logotherapy

Salud Mental y Sentido de la Vida: Personas Mayores y Logoterapia

JEFFERSON DA SILVA*

TATIANA IURIKO KAWASAKI NAKABAYASHI**

GRASIELE APARECIDA BONTEMPO***

DOI: <https://doi.org/10.62506/0fnwpb04>

Resumo: O artigo tem como objetivo refletir sobre a proposta da logoterapia e o impacto na saúde mental da pessoa idosa, considerando vivências relacionadas ao período da pandemia e pós-pandemia. Para esta reflexão, foram considerados os atendimentos realizados por uma clínica-escola, durante os anos de 2021 e 2022, período este que contempla o início do encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) relacionada ao COVID-19. Dessa forma, foram levantados dados das entrevistas de triagem e dos prontuários dos pacientes assistidos relacionados à procura pelo atendimento psicológico. Pretende-se discutir caminhos de cuidado e sentido para a pessoa idosa, uma vez que, segundo Viktor E. Frankl, a vida possibilita a compreensão de um sentido, mesmo diante dos sofrimentos. A dor, a culpa e a morte, temas recorrentes na pandemia, também podem ser tornar possibilidades de ressignificação para vida. Por isso, a pessoa idosa, mesmo tendo que lidar com os limites da própria idade e os sofrimentos deixados pela pandemia, pode orientar e ressignificar sua vida. O tempo passado, presente e futuro ganham novas significações para a pessoa idosa quando se possui um sentido.

Palavras-chave: Pandemia; Pessoa Idosa; Saúde Mental; Sentido.

Abstract: The article aims to reflect on the proposal of logotherapy and the impact on the mental health of the elderly, considering experiences related to the pandemic and post-pandemic period. For this reflection, the study considers the care provided by a university-affiliated clinic between 2021 and 2022, a timeframe that encompasses the beginning of the closure of the Public Health Emergency of National Importance (ESPIN) related to COVID-19. Thus, data were gathered from screening interviews and medical records of patients who sought psychological support during this period. The discussion aims to explore approaches to care and the search for meaning among the elderly, since, according to Viktor E. Frankl, life offers opportunities for the discovery of meaning, even in the face of suffering. Themes such as pain, guilt and death – prevalent during the pandemic – can also serve as possibilities for reinterpreting and reframing one's existence. Therefore, despite the challenges posed by aging and the enduring psychological effects of the pandemic, older individuals can guide and reframe their lives. The interplay of past, present, and future takes on new significance when guided by a sense of purpose.

Keywords: Pandemic; Old Person; Mental Health; Meaning.

Resumen: El artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la propuesta de logoterapia y el impacto en la salud mental de las personas mayores, considerando experiencias relacionadas con la pandemia y el período pospandémico. Para esta reflexión se consideró la atención brindada por una clínica docente durante los años 2021 y 2022, período que comprende el inicio del cierre de la Emergencia de Salud Pública de Importancia Nacional (ESPIN) relacionada con el COVID-19. Así, se recolectaron datos de las entrevistas de tamizaje y de las historias clínicas de los pacientes atendidos relacionados a la búsqueda de atención psicológica. Se pretende discutir las formas de cuidado y significado para las personas mayores, ya que, según Viktor E. Frankl, la vida permite la comprensión del significado, incluso frente al sufrimiento. El dolor, la culpa y la muerte, temas recurrentes en la pandemia, también pueden ser utilizados como posibilidades para replantear la vida. Por lo tanto, las personas mayores, incluso teniendo que lidiar con los límites de su propia edad y el sufrimiento dejado por la pandemia, pueden guiar y replantear sus vidas. Los tiempos pasado, presente y futuro adquieren nuevos significados para la persona mayor cuando tienen un significado.

Palabras clave: Pandemia; Persona de edad avanzada; Salud mental; Sentido.

* Centro Universitário São Camilo, São Paulo.
Email: jefferson@prof.saocamilo-sp.br . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2671-4621>

** Centro Universitário São Camilo, São Paulo.
Email: tatiana.nakabayashi@prof.saocamilo-sp.br . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5111-349X>

*** Centro Universitário São Camilo, São Paulo.
Email: grasielle.bomtempo@saocamilo-sp.br . Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8234-5742>



Introdução

O envelhecimento, seja individual ou populacional, pode ser compreendido como um processo de mudanças biopsicossociais que envolvem tanto ganhos quanto perdas. Ele inclui o acúmulo de experiências, crescimento pessoal e também o declínio de capacidades físicas e psíquicas, processo esse denominado senescência (Freitas e Py, 2016). Associado a este processo, emergem representações sociais que vinculam o envelhecer a doenças, sofrimentos, gastos com medicamentos e improdutividade, além de limitações econômicas relacionadas à previdência social.

Neste sentido, a lógica capitalista tende a enxergar a pessoa idosa como não produtiva, o que contribui para sua desvalorização social. Como afirmam Gonçalves et al (2019, p. 87), “a pessoa idosa é vista sem utilidade para o sistema, a partir disso, são feitas algumas atribuições para esse público como o de inutilidade, descartável e dispensável.” Esse processo reforça o ageísmo, preconceito, estereotipia e discriminação com base na idade de uma pessoa, que segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), está diretamente associado à piora da saúde física e mental. Tais atribuições afetam a vida emocional das pessoas idosas, impactando negativamente em diferentes esferas da vida e podendo levar à perda do sentido da vida e, em casos extremos, à ideação suicida (Santana, 2020).

Uma revisão integrativa realizada por Silva et al. (2021) sobre o ageísmo no contexto da pandemia da COVID-19 revelou o agravamento dessas condutas, destacando discursos que desvalorizam a vida da pessoa idosa, decisões pautadas unicamente em critérios etários e a distribuição desigual de recursos médicos. Se a insegurança e o medo do futuro são questões desafiadoras no processo de envelhecimento, esses fatores foram amplificados no contexto pandêmico, intensificando sintomas de ansiedade, conflitos familiares e o enfrentamento do medo e da morte (Danzmann, 2022). Além disso, Barros et al. (2020) identificaram elevados índices de sofrimento emocional alterações no sono e sentimentos de tristeza entre a população idosa brasileira durante a pandemia.

O presente estudo tem como foco pessoas idosas que buscaram atendimento psicológico em uma clínica-escola vinculada a uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada na cidade de São Paulo. Foram considerados para análise triagens e prontuários de pessoas idosas que buscaram atendimento psicológico nos períodos de 2021 a 2022, que marca a transição entre o auge da pandemia de COVID-19 e o início do período pós-pandêmico no Brasil. Assim, o presente artigo aborda um recorte específico da realidade brasileira, mas insere-se em um debate mais amplo sobre o envelhecimento, saúde mental e sentido da vida em contextos de crise.

Depois de mais de dois anos de pandemia, com a chegada da vacina e com a declaração do Ministério da Saúde acerca do encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), através da Portaria nº 913 de 22 de abril de 2022, a esperança começou a ressurgir. No entanto, os impactos emocionais deixados pela pandemia persistiram, especialmente entre a população idosa. Neste contexto, torna-se necessário refletir sobre estratégias terapêuticas que favoreçam a saúde mental e a ressignificação da vida.

A clínica-escola onde as pessoas idosas foram assistidas integra uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada com atuação em São Paulo há mais de 10 anos. Vinculada a cursos da área da saúde, a clínica tem como missão oferecer atendimento psicológico gratuito à população e formação prática aos estudantes de Psicologia.

Diante disso, o presente artigo, com base em dados coletados nos atendimentos psicológicos realizados na clínica-escola, propõe discutir caminhos psicoterapêuticos à luz da logoterapia, como o objetivo de auxiliar a pessoa idosa na busca por sentido, mesmo diante de contexto de sofrimento, como o vivenciado durante e após a pandemia.



1. Método

O presente trabalho teve um caráter retrospectivo e descritivo, uma vez que foi realizado um levantamento dos atendimentos realizados em uma clínica-escola vinculada a uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada na cidade de São Paulo, entre os anos de 2021 e 2022. Foram analisados triagens e prontuários de pessoas idosas que buscaram atendimento psicológico nesse período. Foram incluídos apenas casos que foram efetivamente acompanhados pela clínica, sendo excluídos as pessoas que foram encaminhadas para outros serviços. As informações tabuladas compreenderam dados sociodemográficos, histórico clínico e a queixas psicológicas apresentadas no momento da triagem.

Para compreensão das queixas apresentadas pelos pacientes, foram considerados os diferentes processos vivenciais da tríade trágica¹ (sofrimento, culpa e morte), condições inerentes da existência humana. O sofrimento é a condição humana que causa dores, angústias e até desesperança, sendo uma experiência vivida por cada pessoa existente, mergulhada por questões físicas, psíquicas e sociais. A culpa é a condição humana que causa o sentimento de remorso, falta em relação a si mesmo ou em relação ao outro – a falta do não vivenciado ou não vivido no presente da existência. A morte é condição inevitável da existência humana que revela a transitoriedade da vida, o fim de um projeto de vida. Para Viktor Frankl (1991), essas condições podem representar não apenas limites existenciais, mas também oportunidades de transformação pessoal e descoberta de sentido, mesmo diante de adversidades extremas.

Do ponto de vista ético, este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo Comitê de Pesquisa da Instituição responsável pelo serviço-escola, conforme as normas da Resolução nº 466/12, número do parecer CAAEE: 15095319.5.0000.0062. O uso dos dados seguiu os princípios éticos da confidencialidade, anonimato e respeito à dignidade dos participantes.

2. Resultados

Entre janeiro de 2021 e dezembro 2022, foram realizadas 141 triagens, das quais oito (5,7% do total de triagens) preencheram os critérios de inclusão neste estudo. Todos os atendimentos ocorreram de forma online, com sessões semanais de aproximadamente 50 minutos, totalizando 10 sessões por paciente.

A média de idade foi 67 anos (DP = 5,65), variando entre 60 e 76 anos, sendo a maioria do gênero feminino (75%, n = 6). Quanto ao estado civil, observou-se diversidade entre os participantes: 37,5% eram casados, 37,5% separados, 12,5% viúvos e 12,5% solteiros. Sobre a moradia, duas pessoas viviam com cônjuge e filhos, duas com filhos apenas, duas residiam sozinhas e uma com outros parentes.

Acerca da escolaridade, entre os dados válidos (isto é, informados em prontuário), três pessoas (37,5%) tinham ensino superior completo, duas (25,0%) possuíam ensino médio completo e uma (12,5%), havia cursado apenas parte do ensino fundamental. Em relação à situação laboral, três participantes (37,5%) trabalhavam como autônomos, duas (25,0%) estavam empregadas e duas (25,0%) aposentadas por tempo de serviço, sendo a maioria declarava renda pessoal de até dois salários-mínimos.

Em relação ao histórico de doenças clínicas, a maioria das pessoas idosas (87,5%) era acompanhada de forma regular, por médicos de diversas especialidades, devido a doenças crônicas e metade delas já tinham tido experiências prévias com psicoterapia e/ou acompanhamento psiquiátrico.

As motivações que levaram essas pessoas a buscarem atendimento psicológico foram classificadas em três grandes temáticas: pandemia (5 pessoas; 62,5%), histórico psiquiátrico (2 pessoas; 25%) e doenças clínicas prévias (1 pessoa; 12,5%), conforme detalhado na Tabela 1.

As principais queixas associadas à pandemia, organizadas segundo a tríade trágica de Viktor E. Frankl (sofrimento, culpa e morte), foram: agravamento de questões emocionais, alterações no padrão de sono e solidão (classificadas como manifestação do sofrimento, de acordo com Frankl); conflitos familiares e impacto na vida laboral e ou financeira (classificadas como manifestação de sofrimento e culpa); e preocupação com o futuro/sem perspectivas quanto ao futuro e luto por morte decorrente da COVID-19 (consideradas manifestações de morte), conforme apresentado na Tabela 2.

Em relação às queixas vinculadas ao histórico psiquiátrico, as duas pessoas que buscaram atendimento por essa razão relataram agravamento de questões emocionais (sofrimento), conflitos familiares (sofrimento e culpa) e impacto financeiro (sofrimento e culpa). Já a única participante com histórico de doenças clínicas prévias também relatou agravamento emocional (sofrimento) e conflitos familiares (sofrimento e culpa). De modo geral, observou-se que as queixas mais recorrentes entre os participantes foram o agravamento de questões emocionais e alterações no sono. Ao cruzar os dados sociodemográficos com os motivos para atendimento, constatou-se que os dois participantes do gênero masculino relataram o impacto financeiro da pandemia como principal razão para buscar apoio psicológico. Entre os casados, dois de três mencionaram agravamento emocional e prejuízos na vida laboral e financeira, enquanto entre os separados, as principais queixas foram agravamento emocional e alterações do sono.

¹ O conceito de tríade trágica utilizado na logoterapia de Viktor Frankl, tem origem na filosofia de Karl Jaspers. Em sua obra *Psicopatologia Geral* (1987), Jaspers apresenta a ideia de que a existência humana é inevitavelmente confrontada com situações-limite, como o sofrimento, a culpa a morte, que podem ser eliminadas, mas apenas enfrentadas existencialmente. Frankl retoma esse tripé conceitual e o sistematiza sob a denominação de tríade trágica.



Tabela 1 – Principais temáticas apresentadas pelas pessoas idosas para a busca por atendimento psicológico entre janeiro de 2021 a dezembro de 2022.

Temática	Frequência (n)	Percentual (%)
Pandemia	5	62,5%
Histórico psiquiátrico	2	25,0%
Doenças clínicas prévias	1	12,5%

Tabela 2 – Queixas apresentadas pelas pessoas idosas referentes à pandemia e classificadas de acordo com a tríade trágica de Viktor E. Frankl.

Queixas apresentadas pelas pessoas idosas referentes à pandemia	Frequência (n)*	Percentual (%)	Tríade trágica
Agravamento de questões emocionais	5	100%	Sufrimento
Alterações no padrão de sono	4	80%	Sufrimento
Conflitos familiares	3	60%	Sufrimento e culpa
Impacto na vida laboral / financeira	3	60%	Sufrimento e culpa
Preocupação com o futuro / sem perspectivas quanto ao futuro	2	40%	Morte
Solidão	2	40%	Sufrimento
Luto por morte decorrente da COVID-19	1	40%	Morte

* Foram considerados apenas os dados válidos (n=5) para o cálculo das porcentagens

3. Discussão

3.1 A Pessoa Idosa e os Impactos da Pandemia

Desde o ano de 2020 até meados de 2022, o Brasil e o mundo vivenciaram a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, marcada por mortes e pelo risco constante do contágio. Somente no Brasil, segundo o sítio CORONAVIRUS/Brasil, foram registrados mais de 705 mil casos de óbitos até o período de 2023. Felizmente, com a chegada da vacina e as doses de reforço, a situação mais agravante foi superada e, no dia 22 de abril de 2022, o Ministério da Saúde decretou o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN).

No entanto, os impactos na saúde mental que o vírus deixou são numerosos. Milhares de pessoas estão no processo de reinserção no mercado de trabalho ou perderam seus empregos, enfrentando dificuldades econômicas e incertezas quanto ao futuro. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2022), a taxa de desemprego no Brasil chegou 14,7% refletindo o impacto prolongado da pandemia. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2021), destacou que a recuperação no setor de empregos tem sido desigual e lenta, especialmente para pessoas vulneráveis, como a de pessoas idosas.

Muitas famílias permanecem enlutadas pela perda de seus entes queridos, fato corroborado pelos achados deste estudo. De acordo com o documento das Nações Unidas (ONU, 2020), há um risco significativo de aumento de sintomas de depressão e ansiedade como consequência da pandemia, exigindo investimentos em saúde mental. Estudos realizados em pacientes idosos que foram acometidos pelo vírus encontraram associações entre a infecção por SARS-CoV-2 e o aumento do risco de declínio cognitivo (Liu et al., 2021), bem como a persistência de sintomas relacionados a fadiga, dor no corpo, alterações cognitivas e dificuldades respiratórias (Global Burden of Disease Long COVID Collaborators, 2022).



Considerando o período pandêmico, alguns estudos revelaram que as medidas para conter a pandemia da COVID-19 contribuíram para o aumento dos sintomas de estresse, ansiedade e depressão (Wang et al., 2020). Achados semelhantes foram identificados por Barros et al. (2020) em sua investigação acerca de sintomas de tristeza, nervosismo e alterações no padrão do sono em uma amostra de 45.161 brasileiros. Esta amostra foi obtida na pesquisa intitulada “ConVid – Pesquisa de Comportamentos” realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal do Minas Gerais e a Universidade Estadual de Campinas. Os dados foram obtidos entre 24 de abril a 24 de maio de 2020 e, dentre os achados, 52,6% dos participantes relataram sentir-se ansioso ou nervoso frequentemente ou quase frequentemente, 43,5% dos participantes alegaram alterações no sono que previamente não tinham e 48,0% que tinham alterações no sono informaram que os sintomas se agravaram. Além disso, 40,4% dos participantes relataram sentir-se tristes ou deprimidos. Especialmente entre as pessoas idosas, 31,7% relataram sentir-se frequentemente ansiosos ou nervosos, 27,5% indicaram sentimentos de tristeza ou depressão e 29,1% relataram alterações no sono. Nesse sentido, os achados do presente estudo corroboram com dados encontrados na literatura, uma vez que o agravamento de questões emocionais foi a principal queixa relatada pelas pessoas idosas que buscaram atendimento psicológico nos anos de 2021 e 2022.

Romero et al. (2021) também utilizaram o banco de dados do “ConVid – Pesquisa de Comportamentos” e a análise realizada somente com participantes idosos (n=9.173) demonstrou que parte da população idosa sentiu frequente solidão pelo distanciamento de amigos e familiares na pandemia. Ainda nesse estudo, foram evidenciadas mudanças econômicas importantes: a redução da renda familiar foi relatada por 47,1% das pessoas idosas, sendo que 31,9% afirmaram receber menos que um salário-mínimo mensal. Achados do presente estudo seguem nesse mesmo sentido, uma vez que a diminuição de renda foi uma das queixas relatadas pelas pessoas idosas, especialmente entre as pessoas idosas do gênero biológico masculino.

Duarte et al. (2020) investigaram os fatores associados a prejuízos na saúde mental de indivíduos residentes no Rio Grande do Sul, em uma amostra composta por 799 indivíduos, com 18 a 75 anos de idade, e majoritariamente do sexo feminino (82,7%). A redução da renda familiar, o pertencimento aos grupos de risco e exposição constante a informações sobre o número de óbitos e infectados foram considerados fatores de risco significativos para transtornos mentais menores. Ademais, variáveis como sexo (feminino), faixa etária (jovens) e histórico de transtorno mental também foram associados a maiores prejuízos à saúde mental.

O medo, a ansiedade, o desemprego e a morte agravaram a crise sanitária e a saúde mental de muitas pessoas, no Brasil e no mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) alertou para uma crise global de saúde mental com efeitos persistentes após a pandemia. Unidas a essas condições quase inevitáveis, as questões ideológico-políticas brasileiras tendem a manter os impactos na saúde mental. Durante o auge da pandemia, foi possível acompanhar o atravessamento de diversas narrativas sobre o contágio do vírus, a imunização e a contenção. Eram narrativas ora negacionistas, ora conscienciosas, e os governantes mudando seus discursos constantemente, não conseguindo direcionar a população. Como afirmam Silva e Castiel (2020, p. 2), “...proliferam versões distorcidas de conceitos e fatos científicos, que adotam formas narrativas e retóricas extraordinariamente plausíveis que vicejam em meio à escassez de conteúdos orientadores sobre práticas de biossegurança em período de pandemia”. As pessoas, atravessadas por diferentes formas de narrativas durante a pandemia foram profundamente impactadas em sua subjetividade e na dimensão coletiva. Sigolo et al. (2022) destacam que, na contramão das diretrizes adotadas por instituições internacionais, o Brasil vivenciou a propagação de desinformações e a omissão na implementação de políticas públicas mínimas para o enfrentamento da pandemia.

Dados estatísticos epidemiológicos de diversos países demonstraram que as pessoas idosas foram as principais vítimas na pandemia (Correa; Justo, 2021), havendo, inclusive, a intensificação de vivências típicas da própria senescência, como o questionamento da finitude, declínio das habilidades e competências e reflexão sobre as relações interpessoais. No Brasil e no mundo, observou-se um maior número de contágios do SARS-CoV-2 na população adulta e, sobretudo, casos de letalidade na população idosa. “A presença de morbidades associadas contribui significativamente para o incremento dessa taxa, e no Brasil verifica-se que 69,3% dos óbitos ocorreram em pessoas com mais de 60 anos e destes, 64% apresentavam ao menos um fator de risco.” (Barbosa et al, 2020, p. 11).

3.2 Sofrimento e morte: o *sim à vida apesar de tudo*

Segundo Viktor E. Frankl (2020), o medo do envelhecimento e da morte é generalizado na cultural atual, pois as pessoas não sabem lidar com a transitoriedade da vida e acabam por perderem o sentido da existência. De acordo com Baltes e Baltes (1990, apud Neri, 2006), durante toda a trajetória de vida, o indivíduo encara mudanças que desafiam sua capacidade adaptativa uma vez que o processo de desenvolvimento, incluindo o próprio envelhecimento, envolve contextos de ganhos e de perdas.

É preciso que a pessoa reconheça e aceite a etapa da vida em que se encontra, vivenciando plenamente sua idade e os processos que ela implica, pois é justamente nesse movimento que torna possível seguir amadurecendo (Griffa e Moreno, 2001). Isso significa que o amadurecimento não é somente uma questão cronológica, mas deve ser compreendido como caminho de orientação da própria vida. Nesse sentido, para Viktor



E. Frankl, psiquiatra e fundador da logoterapia, dentre vários temas que podem colaborar com o desenvolvimento humano, como o envelhecimento, a questão do sentido da vida torna-se uma possibilidade de orientação na saúde mental e ressignificação da vida. Para ele, “...a vida tem sentido sempre, literalmente até o último suspiro.” (Frankl, 1989, p. 33), sugerindo que a vida tem um sentido e este pode ser despertado mesmo diante dos sofrimentos.

Letalidade, luto e outras inúmeras condições experiências vivenciadas pelas pessoas idosas e por várias pessoas ao longo da pandemia constituem realidades que, em grande parte, não podem ser alteradas retrospectivamente. No entanto, essas vivências podem ser ressignificadas, uma vez que é possível adotar uma nova atitude diante delas, possibilitando, assim, a descoberta de um novo significado para existência vivida (Frankl, 1990b).

Segundo Frankl (1990b), é possível extrair um sentido favorável à vida em cada situação – um otimismo mesmo diante das tragédias. As circunstâncias que a vida apresenta possuem muito mais a oferecer do que a subtrair, mas tudo dependerá da maneira como se reage diante delas. “De qualquer sorte subsiste a possibilidade, também no que concerne aos aspectos trágicos da existência, *‘to make the best of it’*”, como tão bem o exprime a frase inglesa.” (Frankl, 1990a, p. 14). É nessa direção que a logoterapia, com sua base fenomenológico-existencial, possibilita desvelar caminhos de orientação para as pessoas que sofreram os impactos da pandemia na saúde mental, como as pessoas idosas.

Viktor E. Frankl não nega os sofrimentos e os condicionamentos próprios da vida, como os criados por forças externas como as guerras e os genocídios, mas, como se afirmou, ainda assim é possível dizer sim à vida. É possível dizer sim a vida, mesmo diante das dores e sofrimentos causados pela pandemia. É possível dizer sim à vida no processo de envelhecimento, mesmo que a sociedade atual tenha uma tendência de valorizar a jovialidade.

A vida não se limita à jovialidade, à produtividade, à busca de subsistência, de prazer ou poder, mas à capacidade de orientar-se por um sentido. Diz ele: o homem é “...incondicionado na medida em que ‘não se deixa absorver’ na sua condicionalidade.” (Frankl, 1978, p. 69). Qualquer pessoa, mesmo em condições subumanas, permanece homem em si mesmo e ainda tem a possibilidade de transcender seus próprios sofrimentos; e mesmo tendo sofrido as torturas do nazismo em Auschwitz, Frankl (1992, p.61) afirma que a “...existência humana sempre vai além de si mesmo, já está sempre indicando um sentido...”. Para ele, a busca pelo sentido é realizada a partir de um confronto com a existência tal como essa se mostra.

Nota-se que Viktor E. Frankl, em sua abordagem analítica existencial, é otimista em relação ao ser humano, o que não significa ingenuidade ou negação da realidade, como por exemplo, uma negação dos sofrimentos emocionais deixados pela pandemia, mas, ao contrário, ele assume a transitoriedade da vida sem, contudo, negar as possibilidades de sentido que cada situação pode apresentar. Ele chama essa perspectiva de otimismo trágico, o que significa que uma pessoa pode vivenciar seu potencial mesmo diante da tragédia (Frankl, 1991). Transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana, extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo significa fazer da transitoriedade da vida um incentivo para ações responsáveis (Frankl, 1991), transformando a si mesmo diante da dor, da culpa e da morte. “Por dor quero dizer sofrimento” (Frankl, 2020, p. 34) e o sofrimento é a manifestação de dores psicológicas que lutam contra certas emoções, lembranças difíceis e desagradáveis, projetos não realizados, sensações não desejadas. É uma experiência existencial que atinge a pessoa e as múltiplas causas. Uma pessoa pode sofrer a perda de um emprego e se sentir inútil, pode sofrer pelo afastamento dos filhos, pelo distanciamento social, pela perda de um amigo, enfim, por múltiplas possibilidades.

Para Viktor E. Frankl, apesar de qualquer sofrimento, mesmo aqueles inevitáveis que não podem serem remediados ou afastados, é possível o encontrar um sentido. No entanto, a pessoa que sofre terá que encontrar forças em si mesma para não permitir que o sofrimento a consuma. Em primeiro lugar, aquele que sofre precisa assumir o seu sofrimento, tomar para si mesmo suas dores, realizar um esforço não apenas moral, mas como possibilidade de crescimento *apesar de...* Nas próprias palavras de Frankl (1978, p.240), “...o indivíduo que sofre não é capaz de plasmar seu destino exteriormente, mas justamente o sofrimento lhe oferece a oportunidade de superar interiormente o destino, transpondo-o do campo factual para o existencial.”

Muitas situações são inevitáveis, não são passíveis de serem transformadas, não imediatamente principalmente por quem sofre, embora seja possível transformar-se a si mesmo diante do sofrimento, transpor-se do campo factual para o existencial, ou seja, mudar o foco sobre as causas do sofrimento para desvelar as outras possibilidades que lhe restam. É como se perguntar, o que se poderia fazer da própria vida apesar deste sofrimento? Levantar o questionamento é dar possibilidade de ampliar a visão de si mesmo para além dos próprios sofrimentos, é dar abertura para liberar as outras potencialidades que não foram atingidas pelo sofrimento. É ampliar o horizonte dos fenômenos. Se a pandemia potencializou as ansiedades, angústias e os sofrimentos emocionais, ainda assim, cada pessoa possui um grande potencial em si mesma para ressignificar sua própria vida.

Nesse sentido, não se pode reduzir uma pessoa somente à dimensão biopsicossocial, mas é importante integrar sua dimensão espiritual. O espiritual é a dimensão humana que dá possibilidade da autotranscendência. O ser humano está “...centrado como um indivíduo em pessoa determinada – como centro espiritual exis-

² “Tirar o máximo proveito de algo”



tencial – e somente por isso, o ser humano é também um ser integrado: somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e totalidade do ente humano.” (Frankl, 1992, p. 21). É do centro espiritual-existencial que nascem todas as atividades especificamente humanas, a possibilidade de abertura que se prolonga no psíquico e no somático. Nessa direção, para Viktor E. Frankl, mesmo uma pessoa vivenciando grandes sofrimentos ou sendo atingida emocionalmente, ainda assim, pela própria força do espírito, pela própria abertura de si mesmo, é possível mudar de atitude perante as condições que lhe causam sofrimentos. Diz ele: “absorve o sofrimento – ‘brota a luz’ – a existência se faz transparente, o homem olha através dela, ao ser que sofre se abrem perspectivas que vão até o fundo.” (Frankl, 1978, p. 243). É nesse sentido que qualquer pessoa como, por exemplo, a pessoa idosa, mesmo tendo vivenciado muitos sofrimentos como o isolamento social, o afastamento de familiares e a perda de amigos, ainda assim é possível ir além de si mesma e encontrar novos caminhos. Os sofrimentos não precisam ser as últimas condições na vida de nenhuma pessoa.

A culpa e a morte são outros aspectos salientados por Viktor E. Frankl passíveis de despertarem sentido quando enfrentados com hombridade. E a culpa pode ser acompanhada de remorso: “É aquele se molestar insistentemente com pensamentos e sentimentos desagradáveis, uma sensação de que alguma coisa não foi como devia e a gente tem algo a ver com isso.” (Pompéia & Sapienza, 2018, p. 89). Assumir a própria culpa perante qualquer situação da qual se é responsável se torna uma possibilidade de mudar a si mesmo. Se a culpa causa grandes sofrimentos, é uma oportunidade para assumi-la e tornar-se aberto a uma outra oportunidade. Se o remorso é gerado por algo que deveria ter feito ao longo de uma vida, principalmente, para a pessoa idosa que carrega em seus ombros suas experiências, vivências e escolhas, em um balanço sobre a própria vida, ele não deveria ser visto somente nos seus aspectos negativos, mas também nas possibilidades que foram realizadas e na capacidade de aceitar as próprias falhas e limitações perante as próprias escolhas. Isso não significa retirar a culpa, mas um reconhecimento dos próprios limites e a possibilidade de ser diferente perante a falta assumida.

O último aspecto da condição que pode ser enfrentado e passível de despertar sentido é a transitoriedade da vida, uma vez que a morte é um fenômeno pertencente ao ciclo da vida. Como ensina a filosofia de Heidegger, o *Dasein* é um ser voltado para a morte, um ser voltado para o fim. “O ‘fim’ do ser-no-mundo é a morte. Esse fim, que pertence ao poder-ser, isto é, à existência, limita e determina a totalidade cada vez possível da presença.” (Heidegger, 2015, p. 306). Assumir essa condição não significa cultuar a morte, mas sim encarar-la como uma questão que se manifesta com o nascimento. A cada nascimento nasce a possibilidade do morrer. Mas, infelizmente, em uma cultura que cultua a jovialidade e a longevidade, encarar a possibilidade da morte parece causar desespero e medo do futuro. Talvez, seja esse um dos aspectos que mais precisam serem enfrentados por todos da sociedade atual, principalmente neste período da pandemia em que o óbito e a experiência do luto se fizeram presentes.

Sentir e experimentar a transitoriedade da vida pelo morrer de um outro não deve ser experimentado como um atrofamento do seu próprio ser, mas um apelo para aproveitar a cada instante. “Não seria precisamente essa radical transitoriedade um apelo para aproveitar-se a cada instante, a fim de se fazer bom uso da possibilidade latente da realização de sentido.” (Frankl, 1990a, p. 28).

Surge uma questão, qual seja, como fazer esse apelo para uma pessoa idosa que perdeu seu companheiro de uma vida toda, perdeu muitos de seus amigos, principalmente no período da pandemia e colhe as consequências posteriores a ela? Como ajudá-la a enfrentar essa transitoriedade e as perspectivas de futuro?

Diz Viktor E. Frankl que, infelizmente, costuma-se “...ver apenas os campos de restolhos da transitoriedade, perdendo de vista os celeiros repletos das colheitas de nossa vida – as ações que praticamos, as obras que realizamos, as pessoas queridas que amamos, aquilo que com coragem e dignidade suportamos.” (Frankl, 1990a, p. 28). Talvez, a afirmação acima seja uma possibilidade de resposta, ou seja, na morte de alguém muito querido, costuma-se enfatizar as dores e sofrimentos causados pela experiência do luto e se esquece tudo aquilo que se construiu com o outro ao longo dos anos, as colheitas de uma vida e o quanto o ente querido, que terminou sua caminhada, desejaria que essas colheitas não fossem perdidas pela dor da saudade, mas ressignificadas e transformadas em fonte de vida. Aqui cabe, mais uma vez, salientar que não há uma negação do sofrimento causado pelo luto e nem uma negação da saudade, mas, para além desses sentimentos, existem outras possibilidades que os entes queridos também deixaram e são: os valores construídos, as obras realizadas, as ações praticadas, os desafios enfrentados, enfim, as colheitas no celeiro que necessariamente não precisam ficar mortas com o ente que se foi, mas transformadas em memória e sentido para aquele que se amou tanto.

O principal é não se fechar em si mesmo e ser sufocado pela dor da saudade, mas continuar mantendo a abertura do próprio ser. Daí a máxima frankliana: “Vive de modo tal como viverias se pela segunda vez vivesses e tivesses feito na primeira vez tudo tão errado como intentas fazê-lo.” (Frankl, 1990a, p. 28). A morte e o morrer não podem ser vistos somente como um fim, mas um chamado para viver. A vida chama cada pessoa e cabe a cada um saber responder ao seu chamado.

É importante notar que diante da tríade trágica, sofrimento, culpa e morte, há um apelo feito a cada pessoa, é um chamado para a descoberta dos valores de atitude, valores estes que não dependem de alguma causa externa, mas da mudança de postura diante das diversas situações. As situações podem não mudar, mas é possível mudar-se a si mesmo perante as situações. Até o último instante, é possível despertar para algum sentido na vida. É sobre a temporalidade e o processo de envelhecimento que se pretende refletir no próximo tópico.



3.3 A Busca pelo sentido e o envelhecimento

Até aqui se refletiu a respeito da pessoa idosa, os impactos da pandemia, sobre a tríade trágica e as possibilidades de sentido. Foi possível acompanhar que, para cada pessoa, como a pessoa idosa, cabe a tomada de atitude frente às diversas situações que precisam ser enfrentadas. Sofrimentos, culpa e a experiência do luto são circunstâncias da vida que ninguém deseja passar, mas são inevitáveis, pois faz parte da condição humana – e, cedo ou tarde, todos terão que enfrentar tais condições. As questões que se levantam são: quais as atitudes que serão tomadas diante dessas condições limitadoras? Quais aconselhamentos são passíveis de orientar uma pessoa em seu processo de envelhecimento? Como uma pessoa idosa pode se orientar para manter sua saúde mental após tantas perdas, inclusive simbólicas, vivenciadas na pandemia?

Cabe aqui recordar que a vida tem sempre uma possibilidade de sentido, um caminho que pode ser descoberto. Pode-se aproveitar a possibilidade de sentido em todos os momentos e situações. É nessa perspectiva que Elizabeth Lukas (1992), colaboradora Viktor Frankl e importante referência nas discussões teóricas e metodológicas da Logoterapia, escreve um artigo sobre a velhice e sua relação com a temporalidade.

Agostinho (1997), na sua obra *As Confissões*, no capítulo XI, levanta a questão: O que é, pois, o tempo? No dia a dia, fala-se do tempo, mas, quando se tenta explicá-lo, parece que escapa às palavras. Isso significa que a experiência da temporalidade é frágil. Ao mesmo tempo em que se vive, se é envolvido por ela. Vive-se, mas, ao tentar expressá-lo, ele escapa. O que é, pois, tentar expressar o passado, o presente e o futuro? Viktor E. Frankl (1990) afirma: aproveite a cada instante para a realização do sentido. É sobre o olhar deste instante, do presente, que Elizabeth Lukas (1992) faz um apelo à pessoa idosa a olhar para trás e para frente, tendo o presente como uma tarefa a ser realizada. Ela propõe um caminho para o presente, conduzindo uma reflexão sobre o passado sem perder de vista as perspectivas para o futuro. Diz ela: “...da plataforma do presente o homem contempla três direções, e destas três direções eu gostaria de obter, no que segue, três perspectivas para o homem idoso, que denominarei ‘olhar para trás’, ‘a tarefa do presente’ e ‘olhar para a frente’” (Lukas, 1992, p. 170). Esse pode ser um convite para todos, mas, especialmente, para as pessoas que passam pelo processo de envelhecimento e para as pessoas idosas que acabaram perdendo as perspectivas para o futuro com os impactos da pandemia. Parafraseando a metáfora de Viktor E. Frankl (1990), ao longo da vida, pelas ações praticadas, obras realizadas, conquistas e amizades, guarda-se no celeiro com muitas colheitas que não podem ser esquecidas, mas, ao contrário, deve-se servir de energia para as tarefas do presente.

Lukas (1992) propõe, primeiramente, voltar os olhos para o passado e realizar um balanço existencial entre ser e devir. “O vivido e o não-vivido em sua historicidade, o criado, experimentado, sofrido, e o perdido, o não-criado, não-experimentado e não-sofrido.” (Lukas, 1992, p. 170). Neimeyer (2007; 2016) propõe possibilidades de intervenções, a partir do resgate de memórias da história de vida, ativando um processo criativo, com o intuito de elaboração de si.

Fixando os olhos nos êxitos, a pessoa idosa é convidada a recordar os frutos bem-sucedidos e conquistados ao longo de sua história de vida. São as colheitas guardadas no celeiro de sua história, como por exemplo, os filhos, os netos, as viagens, os trabalhos realizados, enfim uma infinidade de possibilidades que a vida pôde lhe proporcionar. É um “...para que foi bom ele ter vivido.” (Lukas, 1992, p. 171). Entretanto, contemplar os êxitos bem-sucedidos não é somente se apegar em um passado glorioso, mas é também respeitar as limitações das ações que não puderam serem realizadas, os fracassos, a vida que não foi vivida. É valorizar o limitado e se alegrar com o que foi possível. É uma relação entre o ser, o que foi realizado e forjou sua própria identidade, e o devir, as possibilidades que passaram e que não foram passíveis de serem alcançadas. Diante do devir, das realidades que não foram possíveis de serem realizadas, cabe uma reconciliação consigo mesmo. “O perdão é uma espécie de cura da memória, o acabamento de seu luto; liberta do peso da dívida, a memória fica liberada para grandes projetos. O perdão dá futuro à memória” (Ricoeur, 2008, p. 196). Quando se dá o perdão a um outro, nasce a possibilidade de libertar a memória de suas dores mais profundas e projetar-se para um futuro. “Ora, perdoar é uma das grandes oportunidades de sentido na velhice, e realizá-la equivale a expiar as próprias culpas.” (Lukas, 1992, p. 175). É nesse movimento entre o ser e o devir que uma pessoa idosa mesmo debilitada e sofrendo todas as fragilidades próprias do envelhecimento, pode “...sorrir sobre os dias luminosos que teve e que nada e ninguém pode fazer com que deixem de ter acontecido.” (Lukas, 1992, p. 172). As histórias experimentadas e vividas são guardadas na memória e podem ser revisitadas não só como um certo saudosismo, mas como possibilidade de gerar o presente. Como afirma Heidegger (2015): o *Dasein* só retrovém advindo a si e porque retrovém ao devir é que gera o presente.

Com isso, é possível adentrar na segunda perspectiva temporal à tarefa presente. Esse segundo aspecto da temporalidade significa aprender a responder às situações como estas se apresentam, “...o sentido do momento presente pode o homem responder Sim ou Não, pode cumpri-lo ou deixar de cumpri-lo – mas quando cumpre cumpre-o sempre livremente.” (Lukas, 1992, p. 176). É um saber responder ao dia de hoje, sem idealizações, mas viver o momento conforme a situação exigir. Ninguém pode atribuir sentido ou determinar os caminhos que alguém deve seguir na vida, pois cabe à própria pessoa fazer suas escolhas com base no que lhe ressoa. O que lhe compete é extrair o que lhe é melhor de cada circunstância. O psicoterapeuta não pode “...prescrever o sentido, mas pode descrevê-lo. Com isso, refiro-me a descrever o que se passa num homem quando ele experimenta algo como dotado de sentido.” (Frankl, 2020, p. 34). O que cabe ao fenomenólogo é



recorrer aos dados imediatos da experiência e ampliá-los (Frankl, 2020).

A pessoa idosa, com seus anos de experiência e de vivências, tem a possibilidade de extrair sentido e significado das situações sem desperdiçar tempo com questões superficiais. As capacidades psicofísicas podem se fragilizar devido ao processo de envelhecimento, mas, de acordo com Viktor Frankl, as capacidades espirituais continuam crescendo – ou seja, a pessoa idosa pode crescer na sua abertura ao outro e assim escutar o chamado que a vida lhe propõe. Cada “...homem, em todas as situações da vida, conta com um caminho único e irrepetível, pelo qual pode chegar à realização das mais peculiares possibilidades.” (Frankl, 2003, p. 92).

Enfim, o terceiro aspecto da temporalidade proposto é o *olhar para a frente*. A pessoa idosa “...não deve viver apenas no passado e no presente, ele também ainda tem um futuro diante de si, mesmo que este futuro esteja resumido a poucos dias, semanas ou anos.” (Lukas, 1992, p. 179). Isso significa que a pessoa idosa é convidada a assumir o tempo que se tem, aceitando os limites psicofísicos impostos pelo tempo. Ser uma pessoa idosa não deve ser um impedimento para olhar o futuro ou planejar, pois mesmo que “...o futuro não venha mais a realizar-se, o fato de olhar para ele e de planejá-lo foi uma experiência bonita, uma vivência que valeu a pena ser vivida.” (Lukas, 1992, p. 180).

Nota-se que, para a perspectiva logoterapêutica, uma pessoa, seja em qualquer fase de sua vida, pode crescer para além das dimensões somáticas e psíquicas, pois como se afirmou, ela traz em si mesma a dimensão espiritual que a ajuda a crescer em cada momento. Assim, uma pessoa idosa mesmo enfraquecida pelo próprio tempo e tendo sofrido os impactos da pandemia, ainda assim, pode continuar a crescer e experimentar muitas vivências que a vida o pode proporcionar. O importante é manter-se aberto conforme a vida fizer o seu chamado. Nesse sentido, em período pós-pandemia, a pessoa idosa, com cuidado, é convidada a voltar a ver os amigos, conviver com os familiares, viver novos lazeres, enfim, se abrir para a vida e as novas possibilidades que irão se descortinar.

Considerações Finais

O desenvolvimento humano pode ser compreendido como uma trajetória contínua e o envelhecimento pertence a esse *continuum*, não sendo considerado, meramente, um estágio marcado por declínios e perdas. Entretanto, em uma sociedade marcada pelo capitalismo, a pessoa idosa é vista como descartável para o sistema socioeconômico e o período de pandemia agravou a percepção da fragilidade da vida e impactou na saúde mental de toda uma população. Sintomas de ansiedade, nervosismo, depressão, falta de perspectiva para vida e medo do futuro foram vivenciados por muitos – especialmente, pelas pessoas idosas. Nesse sentido, tornou-se urgente para a psicologia encontrar caminhos que possam ajudar na orientação e ressignificação da vida destas pessoas. Nessa direção, a abordagem fenomenológico-existencial, especificamente, a logoterapia, lança caminhos que podem colaborar com a saúde mental das pessoas idosas no período pós-pandemia – ressaltando que, este período pós-pandemia compreende uma percepção particular de tempo e não meramente o cronológico. Para esta abordagem, a vida pode ter um sentido, mesmo nas condições de sofrimento, de culpa, de morte e de temporalidade. Tais condições fazem parte da vida humana e, em última instância, cabe a cada pessoa a liberdade e a responsabilidade de responder de maneira significativa a elas. Isso significa mudar de atitude perante os sofrimentos, o remorso e a transitoriedade da vida, ou seja, aprender a viver a cada instante e desvelar as possibilidades de cada momento, contudo, sem deixar de se reconciliar com o passado e se projetar para o futuro, mesmo que este último permaneça incompleto pelas próprias circunstâncias da temporalidade.

A pessoa idosa, com suas experiências de vida, pode se alegrar com suas histórias, assumir o que não foi possível e viver o presente sem deixar de sonhar. Ela é convidada, mesmo diante de inúmeros sofrimentos deixados pela pandemia, a se lançar para o futuro e construir novas perspectivas, mesmo que elas permaneçam incompletas.

Referências

Agostinho. (1997). *Confissões*. São Paulo: Paulus.

Barbosa, I. R., Galvão, M. H., Souza, T. A., Gomes, S. M., Medeiros, A. A. & Lima, K. C., Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* 2020;23(1):e200171. Retirado em 20 de março de 2022, em <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/84SR89v94tDTH3tdppdDjtj/?format=pdf&lang=pt>

Barbosa, I. R., Galvão, M. H., Souza, T. A., Gomes, S. M., Medeiros, A. A. & Lima, K. C., Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* 2020;23(1):e200171. Retirado em 20 de março de 2022, em <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/84SR89v94tDTH3tdppdDjtj/?format=pdf&lang=pt>



- Barros, M. B. A., Lima, M. G., Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Azevedo, R. C. S., Romero, D., Souza Junior, P. R. B., Azevedo, L. O., Machado, I. E., Damascena, G. N., Gomes, C. S., Werneck, A. O., da Silva, D. R. P., de Pina, M. F., Gracie, R. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, 29(4): e2020427, 2020. Retirado em 22 de abril de 2022, em https://www.scielo.br/j/ress/a/nFWPcDjfNcLD84Qx7Hf5ynq/?lang=pt&ilang=pt_BR#
- Brasil. Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, n.24-A, p.1, edição extra. 4º fev. 2020. Seção 1. Disponível em <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=600&pagina=1&data=04/02/2020&totalArquivos=1>. Acesso 22 de abril de 2022.
- Brasil. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, n.26, p.1. 6º fev. 2020. Seção 1. Disponível em <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=07/02/2020&jornal=515&pagina=1&totalArquivos=77>. Acesso 22 de abril de 2022.
- Camargo, B. V. (2020). *Métodos e procedimentos de pesquisa em ciências humanas e psicologia*. Curitiba: CRV.
- Correa, M. R. & Justo J. S. Pandemia e envelhecimento. *Revista Espaço Acadêmico*. Edição Especial, Fev. 2021. Ano XX. Retirado em 23 de março de 2022, em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57087>.
- Duarte, M. Q., Santo, M. A. S., Lima, C. P., Giordani, J. P., Trentini, C. M. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 25(9):3401-3411, 2020. Retirado em 22 de abril de 2022, em <https://www.scielo.br/j/csc/a/ghSHWNYkP6gqJm4LQVhkB7g/?lang=en>.
- Danzmann, P. S., Vestena, L. T., Carlesso, J. P. P. Consequências sociais, psicológicas e físicas na saúde mental das pessoas idosas na pandemia da COVID-19. *Perspectivas em Psicologia*, Uberlândia, 26 (1): 1-17, jan/jun, 2022. Retirado em 19 de abril de 2022, em <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/65023>
- Frankl, E. V. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar editora.
- Frankl, E. V. (1989). *Sede de sentido*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, E. V. (1990a). *Dar Sentido à vida: A logoterapia de Viktor Frankl*. São Leopoldo, RS: Sinodal/ Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, E. V., (1990b). *A questão do sentido em Psicoterapia*. Campinas, SP: Papirus.
- Frankl, E. V. (1991). *Em busca de sentido: Um Psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo, RS: Sinodal/ Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, E. V. (1992). *Presença Ignorada de Deus*. 9. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal/ Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, E. V. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida – fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. 4 ed. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, E. V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. São Paulo: É realizações.
- Freitas, E. V. de e Py, L. (2016). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan Ltda.
- Global Burden of Disease Long COVID Collaborators. Estimated Global Proportions of Individuals With Persistent Fatigue, Cognitive, and Respiratory Symptom Clusters Following Symptomatic COVID-19 in 2020 and 2021. *JAMA*. 2022 Oct 25; 328(16): 1604–1615. doi: 10.1001/jama.2022.18931
- Gonçalves, E. S., Sousa S. M. e Ferreira, A. H. (2019) *Oficinas Interativas para Idosos em instituição de longa permanência*. *Revista Perspectivas em Psicologia*, Uberlândia, vol. 23, n. 2, pp. 86 - 102, Jul/Dez. Retirado em 22 março de 2022, em <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/52214>.
- Griffa, M. C. e Moreno J. E. (2001). *Chaves Psicologia do Desenvolvimento: adolescência, vida adulta e velhice*. Tomo 2. São Paulo: Paulinas.



- Heidegger, M. *Ser e Tempo*. (2015). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2022). *Carta de Conjuntura*. Disponível em [https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2022/03/desempenho-recente-do-mercado-de-trabalho-e-perspectivas-2/#:~:text=Na%20compara%C3%A7%C3%A3o%20com%20o%20mesmo,4%25%20em%20janeiro%20deste%20ano](https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2022/03/desempenho-recente-do-mercado-de-trabalho-e-perspectivas-2/#:~:text=Na%20compara%C3%A7%C3%A3o%20com%20o%20mesmo,4%25%20em%20janeiro%20deste%20ano.). Acesso em 20 de abril de 2025.
- Jaspers, Karl (1987). *Psicopatologia Geral; Psicologia Compreensiva, Explicativa e Fenomenologia*. v. 1. Rio de Janeiro, RJ: Atheneu.
- Liu, Y., Wang, Y., Wang, Q., Chen, Y., Chen, X., Li, Y., Cen, Y., Xu, C., Hu, T., Liu, X., Yang, L., Li, S., Liu, X., Liu, C., Zhu, J., Li, W., Zhang, L., Liu, J., Wang, Y. Post-infection cognitive impairments in a cohort of elderly patients with COVID-19. *Molecular Neurodegeneration*, 16(48), 2021. <https://doi.org/10.1186/s13024-021-00469-w>
- Lukas, E. (1992). *Prevenção Psicológica: A prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. Leopoldo, RS: Sinodal/ Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ministério da Saúde (2021). *Ministério da Saúde. Corona/Brasil*. Disponível em: < <https://covid.saude.gov.br/> >. Acesso 06.07.2021.
- Neimeyer, R.A (2007). *Aprender de la perdida: una guía para afrontar el duelo*. Ediciones Paidós: Iberica.
- Neimeyer, R.A (2016). *Techniques of Grief Therapy: assesment and intervention (Series in Death, Dying, and Bereavement) (p. v)*. Taylor and Francis. Edição do Kindle.
- Neri, A.L. O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, v.14, n.1, p.17-34, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005
- Organização Mundial da Saúde (2020). *O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante*. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/85787-oms-o-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-das-pessoas-ja-e-extremamente-preocupante> . acesso 10 de junho 2021.
- Organização Mundial da Saúde (2021). *Ageing: ageism*. Disponível em <https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/ageing-ageism>. Acesso em 22 de abril de 2022.
- Organização Mundial da Saúde (2022). *Word mental health report: Transforming mental health for all*. Disponível em <https://www.sbponline.org.br/arquivos/9789240049338-eng.pdf> Acesso em 20 de abril de 2025.
- Organização Internacional do Trabalho (2021). *COVID-19 and the world of work*. Disponível em https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/%40dgreports/%40dcomm/documents/briefingnote/wcms_767028.pdf Acesso em 21 de abril de 2025.
- Papalia, D. E. e Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: AMGH.
- Pompéia J. A. e Sapienza, B. T. (2018). *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC; ABC.
- Ricoeur, P. (2008). *O justo 1: A justiça como regra moral e como instituição*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- Romero, D. E., Muzy, J., Damacena, G. N., Souza, N. A., Almeida, W. S., Szwarcwald, C. L., Malta, D. C., Barros M. B. A., Júnior, P. R. B. S., Azevedo, L. O., Gracie, R., Pina, M. F., Lima, M. G., Machado, Í. E., Gomes, C. S., Werneck, A. O. & Silva, D. R. P. (2021). Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. *Cad. Saúde Pública*; 37(3):e00216620. Retirado em 22 de março de 2022, em <https://www.scielo.br/j/csp/a/gXG5RYBXmdhc8ZtvKjt7kzc/?lang=pt>
- Santana, A. C. N., Santos, T. R. & Santos, L. D. A. (2020). O Perfil dos idosos que participam de centro de convivência para a terceira idade, com foco nos transtornos mentais comuns. *Revista Perspectivas Psicológica*, Uberlândia, v.24, nº 1, jan/jun. DOI 10.14393/ PPv24n1a2020-659. Retirado em 05 de abril de 2022, em <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/57659>.



- Sigolo, V. M., Percesso, J., Arantes, P. F., Sano, H., Moura, M., Foguel, D. Smaili, S.S., Chioro, A., A onda pró-ciência em tempos de negacionismo percepção da sociedade brasileira sobre a ciência, cientistas e universidades na pandemia da COVID-19. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*. v.28, 12, 3687-3700, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-812320232812.20212022> Acesso 22 de abril de 2025.
- Silva, P. V. e Castiel, L. D. (2020). Luis David Castiel. COVID-19, as fakes news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. *Cad. Saúde Pública* 2020; 36(7): e00101920, p. 1-12.
- Silva, M. F., da Silva, D. S. M., Bacurau, A. G. M., Francisco, P. M. S. B., Assumpção, D., Neri, A. L., Borim, F. S. A. Ageismo contra idosos no contexto da pandemia da covid-19: uma revisão integrativa. *Rev Saude Publica*. São Paulo, 55:4, 2021. Retirado em 22 de abril de 2022 em <http://www.rsp.fsp.usp.br/artigo/ageismo-contra-idosos-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-uma-revisao-integrativa/>.
- Wang, S. S., Teo, W. Z., Yee, C. W., & Chai, Y. W. (2020). Pursuing a good death in the time of COVID-19 [Ahead of Print]. *Journal of Palliative Medicine*. <https://dx.doi.org/10.1089/jpm.2020.0198>

Recebido em 25.04.2024 – Primeira Decisão Editorial em 13.04.2025 – Aceito em 08.05.2025